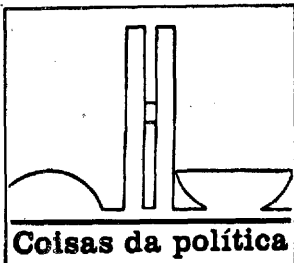


# SARNEY O Presidente está feliz

Ricardo Noblat

1 JUN 1985

**S**ó o recato prudente de alguns personagens impede que aflore, em toda sua exuberância, o contraste de ânimo estabelecido entre os que giram mais de perto na órbita do Presidente da República e os que se envolvem, diretamente, no processo de renegociação da dívida externa. Brilha colorido e esfuziante o Palácio do Planalto, onde a vida, ultimamente, está sendo encarada pela ótica do otimismo. O céu parece carregado de nuvens cinzentas sobre o prédio do Ministério da Fazenda.



Coisas da política

O Presidente José Sarney está, particularmente, feliz. Ainda não se recuperou dos efeitos inebriantes de um discurso que considera o marco importante do seu Governo, e que foi bem recebido pela nação, a julgar-se pelas pesquisas feitas. O rio de Janeiro, pensa o Presidente, tributou-lhe expressivas manifestações de reconhecimento no último fim de semana — seja nas palmas colhidas no Teatro Municipal, seja nas mãos estendidas para cumprimentos em seus deslocamentos pela cidade. O Sr Sarney está encantado com o povo e julga que o encantamento é recíproco.

Pensa o Presidente que se revelou acertada sua estratégia de dispensar intermediários e de ir buscar apoio diretamente junto aos brasileiros. Os partidos políticos, todos em crise de identidade, não poderiam garantir ao Presidente o que ele mesmo se encarrega de ir atrás — o respaldo popular sem o qual não se manteria no cargo por muito tempo. Como os partidos, sindicatos e associações de classe pagam o preço da transição política e da reorganização do poder — são canais em acelerado processo de transformação para se adequarem, mais tarde, a uma nova realidade.

O povo, essa entidade abstrata e volúvel, é o alvo preferido do Presidente. Que imagina que na sua companhia os problemas parecem mais amenos, e o peso da renegociação da dívida mais suave. Os acólitos do Sr Sarney respiram otimismo e confiança e fazem do Palácio do Planalto uma espécie de ilha de tranqüilidade onde não parece haver a dúvida de que o FMI e os banqueiros se curvarão, afinal, à evidência de que o Brasil tem que crescer e que o Governo já promoveu os cortes que poderia promover — a vez de jogar, agora, é deles.

O arcoíris que emoldura o Palácio do Planalto não dispõe de uma largura tão abrangente que seja capaz de atingir o Ministério da Fazenda — ali, o Sr Francisco Dornelles continua preocupado. Mais que preocupado: sem entender a fé que move o Presidente e seus auxiliares mais diretos. O ministro registrou fortes sinais de que os nossos credores estão dispostos a endurecer o jogo da

renegociação — tanto que ele, pessoalmente, planeja viajar ao exterior nas próximas semanas para conferir de perto.

A soma de recursos anunciada para financiar a agricultura não agradou o Ministro da Fazenda, que a desejava menor. A base monetária tende a continuar se expandindo, o que torna ainda mais sombrios os cálculos do Sr Dornelles para a inflação dos próximos meses. Ele está definitivamente convencido de que o Presidente se rendeu, de vez, às teses dos economistas de esquerda do PMDB, que sua voz ressoa cada vez mais fracamente e que só lhe resta, enquanto permanecer no cargo, girar a manivela, produzir papel e ir pagando as contas.

Nas horas vagas, quando se permite abandonar os números e especular sobre o quadro político, o Ministro da Fazenda gosta de abordar a gênese da chamada Aliança Democrática. O principal vício que enxerga na Aliança é que ela teria se formado apenas para ser contra — contra o regime autoritário que agonizava, um Presidente que não presidia e um candidato indesejável. Quando empolgou o poder, a Aliança Democrática teria descoberto que era a favor de muito pouca coisa.

“Se pelo menos o PMDB soubesse exatamente o que quer”, costuma lamentar o Sr Dornelles, que percebe e reclama da atomização do quadro político e do seu reflexo, natural, sobre o Governo ao qual pertence. Sai o Ministro das Comunicações, por exemplo, a acusar o Governo de estar repleto de esquerdistas e, aos partidos, de negarem amparo ao Governo. O Sr Antônio Carlos Magalhães é suficientemente voluntarioso para dizer o que lhe vai na cabeça mas realista o bastante para não dizer o que tornaria incômoda sua posição.

“Eu não faria nada que contrariasse o Presidente da República”, desculpou-se o ministro. Sabe-se, de fato, que em conversas reservadas, o Sr Sarney tem-se queixado da presença majoritária de elementos tidos como de esquerda em alguns ministérios. O Sr Antônio Carlos Magalhães teria vocalizado, apenas, a preocupação compartilhada pelo Presidente da República e por alguns ministros da área militar. Ninguém ousou ainda emprestar sua voz para exprimir a preocupação do Presidente com a conduta do seu Ministro das Minas e Energia.

O Sr Aureliano Chaves já foi apontado, certa feita, pelo Presidente, como um sensível potencial de risco para a estabilidade do seu Governo — mais que o Sr Ulysses Guimarães, que não é inteiramente solidário com o Sr Sarney. E mais, também, que o Governador Leonel Brizola, que prega as diretas para 86. O ministro já pensou em largar o cargo, está insatisfeito com os cortes sofridos pelas estatais de sua área e, recentemente, partiu para alguns dias de exílio no interior mineiro.

Os credores endurecem. A inflação ameaça disparar. Os partidos submergem na crise e cada ministro toca sua própria vida. De que sorri, feliz, o Presidente?

Ricardo Noblat é editor regional do JORNAL DO BRASIL em Brasília.